

**O TEXTO COMO FONTE PARA UM NOVO TEXTO: *CRÔNICA DE EL-REI D. JOÃO & A ABÓBADA***

Débora de Lima Santos<sup>1</sup>

Mauricio Gomes de Matos<sup>2</sup>

**RESUMO**

A palavra literária, segundo os estudos realizados por Julia Kristeva (2005), a partir de Mikhail Bakhtin, não é considerada como ponto fixo, mas esta é realizada por meios de cruzamentos e diálogos entre outras escrituras. A palavra literária dialoga entre o sujeito da escritura, o destinatário e textos exteriores. Estes diálogos são dimensões do espaço textual. No momento que se coincidem sujeito da escritura e destinatário com o texto e o contexto revela-se a palavra (texto), esta por sua vez ocorre pelo cruzamento de outras palavras (textos). Kristeva ressalta a formulação de que todo texto se constrói como mosaico de citações, assim todo texto é absorção e transformação de outro texto. Nessa linha de percepção, nossa proposta é tratar a *Crônica de El-Rei D. João*, por Fernão Lopes como texto-fonte para a narrativa *A Abóbada*, de Alexandre Herculano. Objetivamos observar como personagens, cenários e episódios são dados a ler a partir de uma reconstrução. Trataremos a construção de um texto por outro texto já preexistente, um como chamamento a outro, o texto como fonte para uma nova escritura. Além de Fernão Lopes e Alexandre Herculano utilizaremos como fontes bibliográficas os textos de Mikhail Bakhtin (1997), Maria Ema Tarracha (1988), Jeanne Marie Gagnebin (1994), Julia Kristeva (2005), Silviano Santiago (1980) e António José Saraiva (1996).

Palavras chave: Literatura. História. Reconstrução.

**INTRODUÇÃO**

A palavra literária, segundo os estudos realizados por Julia Kristeva<sup>3</sup> a partir de Mikhail Bakhtin<sup>4</sup>, não é considerada como ponto fixo, mas esta é realizada por meios de cruzamentos e diálogos entre outras escrituras. A palavra literária dialoga entre o sujeito da escritura, o destinatário e textos exteriores. Estes diálogos são dimensões do espaço

<sup>1</sup> Débora de Lima Santos. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA). Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM). E-mail: deboralimas20@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA). E-mail: mauriciomatos.lit@gmail.com.

<sup>3</sup> KRISTEVA, 2005.

<sup>4</sup> A obra de François Rabelais, Moscou 1965.

textual. No momento que se coincidem sujeito da escritura e destinatário com o texto e o contexto revela-se a *palavra* (texto), esta por sua vez ocorre pelo cruzamento de outras *palavras* (textos). Kristeva ressalta através de Bakhtin a formulação de que todo texto se constrói como mosaico de citações, assim todo texto é absorção e transformação de outro texto.

Nessa linha de percepção, nossa proposta é tratar a *Crônica de El-Rei D. João*, por Fernão Lopes como texto-fonte para a narrativa *A Abóbada*, de Alexandre Herculano. Objetivamos observar como personagens, cenários e episódios são dados a ler a partir de uma reconstrução. Trataremos a construção de um texto por outro texto já preexistente, um como chamamento a outro, o texto como fonte para uma nova escritura.

Partindo da afirmação de Jeanne Marie Gagnebin<sup>5</sup> de que “a tarefa do escritor não é, portanto, simplesmente lembrar acontecimentos, mas subtraí-los às contingências de seu tempo”, entendemos que, tanto Fernão Lopes (1380? -1460?), cronista português, quanto Alexandre Herculano (1810 -1877), historiador, poeta e romancista português subtraem episódios históricos portugueses na construção de seus textos. Ambos ao exercerem seus papéis de historiadores, defendiam que a História tem por objetivo a verdade.

No que tange ao Herculano romancista, dá-se a elaboração ficcional de narrativas com base histórica, a partir de momentos e personagens históricos reconstituídos com rigor, o que as tornam verossímeis. Diante disso, Herculano trabalha com a ficção ao criar as primeiras narrativas do romance histórico português. Temos, portanto em Alexandre Herculano um nome representativo nesta fase literária, inspirado em Walter Scott, ele introduziu o romance histórico em Portugal, a partir das narrativas que publicou n’*O Panorama* e na *Ilustração* entre 1838 a 1846.

Ao reuni-las, o autor as publica no ano de 1851, em dois volumes com o título *Lendas e Narrativas*, nessa oportunidade, é inserido um texto intitulado *Advertência a Primeira Edição*, onde Herculano<sup>6</sup> afirma que,

---

<sup>5</sup> GAGNEBIN, 1994.

<sup>6</sup> HERCULANO, 1851. p. 1-2.

quis apenas preservar do esquecimento, a que por via de regras são condenados, mais cedo ou mais tarde, os escritos inseridos nas colunas das publicações periódicas, as primeiras tentativas do romance histórico que se fizeram em língua portuguesa. Monumentos dos esforços do autor para introduzir na literatura nacional um género amplamente cultivado nestes nossos tempos em todos os países da Europa, é este o principal ou, talvez, o único merecimento deles; o título de que podem valer-se para não serem entregues de todo ao esquecimento.

Alexandre Herculano começou a publicar *A Abóbada* no Jornal *O Panorama*, volume III, número 98, de 16 de março de 1839, e no número 102 de 13 de abril do mesmo ano terminou de publicá-la. O autor dividiu a narrativa *A Abóbada* em cinco capítulos: O Cego, Mestre Ouguet, O Auto, Um Rei Cavaleiro e O Voto Final.

No percurso da narrativa de Alexandre Herculano encontramos marcas que identificam o texto de Fernão Lopes como texto-fonte para esta, essas marcas são percebidas diretamente com o texto e nos temas escolhidos por Herculano. O romancista histórico oferece uma experiência do passado português ao lê Fernão Lopes, desta forma ele se veste das crônicas para tecer suas narrativas históricas. “Ao elaborar um texto a partir de outro, que lhe servia de matriz, Herculano geralmente desenvolvia certas unidades semânticas contidas no primeiro”.<sup>7</sup> Seus textos entranhados de história são narrativas que operam como palco onde perpassam cenas atuadas por personagens verídicas ou fictícias. Ao apresentar a cor local dos cenários, as personagens com sua linguagem, vestuário e atividade, Herculano oferece à sua narrativa uma transfiguração da realidade histórica, nesse sentido a narrativa *A Abóbada*, reinado de D. João I, refere-se ao período “mais bem tratado, por que o autor dispunha da extraordinária narrativa que são as crônicas de Fernão Lopes”<sup>8</sup>.

O contexto histórico que se apresenta em *A Abóbada* é o cenário posterior à vitória da batalha de Aljubarrota (1385), travada entre Portugal e Castela. Alexandre Herculano claramente tece sua narrativa com fios da *Crônica de El-Rei D. João*. Herculano compõe em sua narrativa um símbolo da vitória portuguesa, este por sua vez, representa um monumento histórico que celebra um relevante momento em Portugal. Na *Crônica de El-Rei D. João* apresentam-se figuras históricas que Herculano torna

---

<sup>7</sup> FERREIRA, 1988. p. 55.

<sup>8</sup> SARAIVA, 1996.

personagens de seu texto, suas características físicas e psicológicas são desenhadas segundo o cronista.

O romancista histórico se insere ao reescrever estas figuras em seu texto. Kristeva ao repensar questões levantadas por Bakhtin ao introduzir a noção de *estatuto da palavra*, “situa o texto na história e na sociedade, encaradas por sua vez como texto que o escritor lê e nas quais se insere ao reescrevê-las”<sup>9</sup>. Alexandre Herculano promove um passeio pelo passado histórico de sua pátria, reinterpretando os fatos históricos, afirmando a glória e o prestígio do momento de constituição da nação portuguesa, a Idade Média. Durante a produção de sua narrativa Herculano está inteiramente ligado às questões envolventes de sua época, desse modo em sua narrativa mostram-se valores relacionados aos seus.

## PERSONAGENS & CENÁRIOS RECONSTRUÍDOS

Segundo Silviano Santiago (1980), “a dupla exigência de imitação (a dos clássicos greco-latinos e a dos contemporâneos do autor) como forma de emulação, de aprimoramento, leva o criador a inspirar-se no outro para que melhor saia o seu produto”. Alexandre Herculano tira sua narrativa histórica das páginas extraídas da crônica de Fernão Lopes, reconstituiu dessa maneira o pós-batalha de Aljubarrota elevando a construção do símbolo da vitória portuguesa, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, conhecido também por Mosteiro da Batalha, iniciado em 1388, como afirmação do passado que marca a libertação portuguesa da mão estrangeira. É de Fernão Lopes (outro) de onde surge a base para Alexandre Herculano (criador). Os episódios que cercam a batalha de Aljubarrota estão descritos na *Crônica de El-Rei D. João*, nela encontramos descrições da batalha e seus envolvidos.

### Gênio Cavaleiro Afonso Domingues

---

<sup>9</sup> KRISTEVA, 2005. p .66.

A *Abóbada* apresenta a visita de D. João I ao mosteiro, onde inauguraria a sala de assembleias (Casa do Capítulo), cuja abóbada havia sido projetada pelo arquiteto do Mosteiro da Batalha, o português Afonso Domingues. Por consequência de seu estado físico, Domingues foi afastado de seu cargo, sendo substituído por um arquiteto irlandês, “homem mediano em quase tudo”. A esta situação, o arquiteto português defende que devido sua cegueira arrancaram-lhe “das mãos o livro, e nas páginas em branco mandaram escrever um estrangeiro!”. É possível notar que Afonso Domingues além de reprovar sua substituição, sua fala aponta para outros momentos históricos de Portugal apresentados minuciosamente pelo cronista Fernão Lopes em seus textos, Alexandre Herculano<sup>10</sup> não deixa de mencioná-los através do patriótico Afonso Domingues:

Para entender o pensamento do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, cumpre ser português; cumpre ter vivido com a revolução que pôs no trono o Mestre de Avis; ter tumultuado com o povo defronte dos paços da adúltera; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. [...] a sua mão não é aquecida à luz do amor da pátria; nem, que fosse, é para ele pátria esta terra portuguesa.

Para irmos um pouco além da fala de Afonso Domingues acima apresentada, observamos seu discurso ao lembrar aos frades do Mosteiro da Batalha que ele participara da peleja em Aljubarrota: “Com sangue comprei minha honra! Comigo trago a escritura. [...] mostrou duas largas cicatrizes no peito. – Em Aljubarrota foi escrito o documento à ponta lança por mão castelhana.”<sup>11</sup>. Nesta cena Afonso Domingues levamos aos episódios da batalha narrados por Fernão Lopes<sup>12</sup>:

Ao encontrarem-se as linhas de batalha puseram as lanças uns nos outros, ferindo e empuxando quanto podiam, [...] um lado e de outro eram dados tais e tamanhos golpes como cada um melhor podia apresentar àquele que lhe caía em sorte, de maneira que os muitos para subjugar e os poucos para se verem livres de seus inimigos lidavam com toda a sua força.

<sup>10</sup> HERCULANO, 1970. p. 212-213.

<sup>11</sup> HERCULANO, 1970. p. 208.

<sup>12</sup> LOPES, 1992. p. 337-338.

Em *A Abóbada* a batalha de Aljubarrota é relembada através das memórias do arquiteto cego, que fora segundo a narrativa, homem de armas nesta peleja. Maria Ema Tarracha associa o arquiteto ao rei cavaleiro D. João I, pois ambos identificam-se “no mesmo ideal”, estes compreendem o valor da palavra pátria e glória. Afonso Domingues transmite o sentimento patriótico das figuras encontradas na crônica escrita por Fernão Lopes, estes juntos com D. João I e Nun’Álvares combateram ardentemente contra os castelhanos em Aljubarrota.

Mestre David Ouguet, o arquiteto irlandês que substituiu Afonso Domingues deturbou a planta original da abóbada da casa do capítulo do Mosteiro da Batalha, e na visita de D. João I, no dia previsto para a inauguração desta, a abóbada desabou, e por isso, ficou possesso durante a encenação do Auto: “David Ouguet podia estar possesso, em consequência de algum grave pecado”<sup>13</sup>. Devido à queda da abóbada, D. João I convocou Afonso Domingues para reconstruí-la segundo seus planos originais. Após alguns meses D. João I retornou ao mosteiro e inaugurou a abóbada erguida pelo arquiteto cego, este jurou sentar-se no meio da sala do capítulo quando a estrutura de sustentação fosse retirada, Afonso Domingues cumpriu sua palavra, a abóbada não desabou, depois dos três dias, tempo decretado por ele para seu voto, foram retirá-lo, mas o arquiteto estava morto. Os que ali estavam choraram a morte de Afonso Domingues<sup>14</sup>:

As últimas palavras do mestre foram estas: “A abóbada não caiu... a abóbada não cairá!”. O arquitecto, gasto de velhice, não pôde resistir ao jejum absoluto a que se condenara. No Momento em que, ajudado por Martim Vaques e Ana Margarida, se quis erguer, pendeu moribundo nos braços deles, e aquele génio cavaleiro mergulhou-se nas trevas do passado.

O “génio cavaleiro” demonstra-nos sua razão de existir através da conclusão de sua *Divina Comédia*, cântico de sua alma, seu livro de pedra, seu cântico de vitória, após escrever sobre o mármore o hino dos valentes de Aljubarrota ele completa sua missão, então morre.

<sup>13</sup> HERCULANO, 1970. p. 233.

<sup>14</sup> HERCULANO, 1970. p.263.

## João das Regras

Outra figura importante nomeada em *A Abóbada*, que nos encaminha ao nosso objetivo aqui, de observarmos como personagens, cenários e episódios apresentados por Fernão Lopes são dados a ler a partir da reconstrução em Alexandre Herculano é João das Regras, que fez parte do Conselho de D. João I. Na narrativa de Herculano, João das Regras é apresentado junto com aqueles que acompanhavam el-Rei na primeira visita ao Mosteiro da Batalha. Notamos assim, mas uma referência feita por Herculano<sup>15</sup> em sua narrativa às figuras históricas apresentadas por Fernão Lopes.

Em uma quadra das que serviam de aposentos reais no Mosteiro da Batalha, [...] Eram estas D. João I, frei Lourenço Lampreia e o procurador Frei Joane. [...] Além destes, outros indivíduos aí estavam, que as pessoas lidas nas crônicas deste reino também conhecerão: tais eram os doutores João das Regras e Martim de Océm, do concelho de el-rei.

É neste ponto, que observamos Alexandre Herculano citar os nomes das figuras que acompanhavam D. João I e enfatizar claramente que estes se encontravam inserido nas crônicas de seu reino, fazendo referência explícita ao seu texto-fonte. João das Regras é descrito por Fernão Lopes na *Crônica de El-Rei D. João* como “um notável varão, homem de perfeita autoridade, de saber acabado, muito grande letrado em leis, [...] cuja subtileza e clareza de bem falar hoje em dia é tida em conta entre os letrados”<sup>16</sup>. João das Regras é a voz que atua nos episódios narrados por Fernão Lopes ao tratar da elevação do D. João I ao reinado de Portugal, “nomeemos e escolhamos na maneira mais cabal possível, este D. João, filho de el-rei D. Pedro, para rei e senhor destes reinos”<sup>17</sup>.

A manifestação do texto de Fernão Lopes se dá de forma explícita em *A Abóbada*, atando-se ao cronista, a narrativa de Herculano continua a desenvolver-se, e o elo entre os textos é mais uma vez assegurado.

<sup>15</sup> HERCULANO, 1970. p. 239.

<sup>16</sup> LOPES, 1992. p. 265

<sup>17</sup> LOPES, 1992. p. 282.

## Nuno Álvares Pereira

Símbolo de prestativo servidor de D. João I, temos Nuno Álvares Pereira, ou simplesmente, Nun'Álvares o herói da *Crónica de El-Rei D. João*. Em *A Abóbada* esta figura é referida através do diálogo entre os frades Frei Lourenço Lampreia e Frei Joane. Durante esta conversa, há analogias à batalha de Aljubarrota. Ao falarem sobre os preparativos e cuidados para receber D. João I na primeira visita ao Mosteiro da Batalha, o padre-procurador ressalta: “Desde ontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lanças do Contestável”<sup>18</sup>.

O Contestável que é mencionado pelo frade, refere-se a ilustríssima figura da vitória da batalha de Aljubarrota, Nun'Álvares, que fazia parte do Conselho de D. João I, conforme Fernão Lopes, quando narra “*Dos nomes de algumas pessoas que o ajudaram o Mestre a defender o Reino*”, dos inimigos: “O primeiro nesta ladainha seja o muito nobre D. Nuno Álvares Pereira, glória e louvor de toda sua linhagem, cuja claridade de bem servir nunca sofreu eclipse nem perdeu a sua luz”<sup>19</sup>.

Após a nomeação de D. João I ao reinado português, “el-rei ordenou que o fosse o seu muito leal vassalo e servidor”, pois D. João I conhecia as habilidades de Nun'Álvares, este era “de honestos costumes e muito avisado nos feitos de cavalaria”.

Nun'Álvares é descrito por Fernão Lopes como aquele que “foi grande e forte muro e segundo braço da defesa do Reino”. Nele resplandecia a tradição dos costumes dos antigos e grandes varões portugueses. Assim, a figura de Nun'Álvares, perfila um dos aspectos que nos mostram que as narrativas de Herculano são nascidas em Fernão Lopes. Herculano, ao aludir em sua narrativa à figura do Condestável da Batalha de Aljubarrota, tão bem descrito por Fernão Lopes nas falas do frade que esperava D. João I no mosteiro, ele o assegura como símbolo de tão prestativo servidor.

## EPISÓDIOS ENTRECruzADOS

---

<sup>18</sup> HERCULANO, 1970. p. 206

<sup>19</sup> LOPES, 1992. p. 254.



Outro ponto interessante que Herculano insere na narrativa, dá-se quando D. João I retorna ao Mosteiro da Batalha para inaugurar a abóbada novamente erguida. Ao encaminhar-se para o mosteiro D. João I se encontra com “um bom número de homens magros, pálidos, rotos e descalços”<sup>20</sup>, estes eram homens castelhanos cativos de pelejas. Nesta passagem da narrativa temos as consequências que estes homens sofriam, “ser metido em ferros era então ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais deles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tratos que em Castela padeciam cativos os portugueses”<sup>21</sup>. Estes homens bradavam por misericórdia a D. João I, que por sua vez, comovido prometeu-lhes que os libertariam se a nova abóbada não desabasse, e assim aconteceu. Na *Crónica de El-Rei D. João*, Fernão Lopes<sup>22</sup> acentua o enfoque dado neste ponto da narrativa de Herculano:

E, como quer que os Portugueses desde a antiguidade e por natureza sejam entre si caridosos, e da mesma maneira precedam com os estrangeiros, no entanto, considerando os grandes males e muitas cruezas que tinham recebido dos Castelhanos, não podiam apostar com os seus corações que deles não tomassem redobrada vingança.

A afiguração destes castelhanos por Herculano ressalta a visão descrita por Fernão Lopes, os textos ao se entrelaçarem demonstram o “mosaico de citações” levantado por Júlia Kristeva, onde o cruzamento entre textos trarão, possivelmente, o surgimento de outros textos, é a partir dessa consideração que Kristeva elabora o conceito de intertextualidade. A inserção destes elementos dentro do novo texto demonstra que o “texto literário é uma rede de conexões”<sup>23</sup>, há por tanto, uma rede dialógica da escritura e a leitura do autor, este lê, reinterpreta e reconstrói.

Nesse mesmo contexto apresenta-se tia Brites de Almeida, ela também assume um exemplo de patriotismo português. Essa personagem é reconhecida por D. João I na mesma ocasião anteriormente relatada. Brites representa a voz de outra figura participante na batalha de Aljubarrota, com sua “patriótica pá de forno” mandou sete

<sup>20</sup> HERCULANO, 1970. p.258.

<sup>21</sup> HERCULANO, 1970. p. 259.

<sup>22</sup> LOPES, 1992. p.349.

<sup>23</sup> KRISTEVA, 2005. p. 99.

castelhanos “de presente ao diabo”. Tia Brites de Almeida se coloca à disposição de D. João I para enfrentar novamente tais inimigos, no entanto D. João I em resposta enfatizou que “ a gente de nossa terra é cortês; el-Rei de Castela veio visitar-nos várias vezes: agora ando eu na demanda de lhe pagar com usura suas visitasões”<sup>24</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Herculano, bem como outros românticos, buscou a Idade Média pela visão que esta época representa, a “época de mais livre expansão dos impulsos individuais e também coletivos, devido ao despertar do sentimento nacional, ainda que subordinados aos valores cristãos e cavaleirescos”<sup>25</sup>. O que torna as crônicas medievais essenciais para a gênese de seus textos.

As marcas deixadas na narrativa de Herculano vestem-na de referências fortes à crônica de Fernão Lopes, os artifícios utilizados evidenciam estreitamente a leitura retirada do que o autor disponha ao compor sua criação. Observamos as personagens e episódios do texto de Alexandre Herculano e demonstramos como estes são retirados do texto de Fernão Lopes, o criador que se inspira e se apoia no outro, o texto revelado pelo chamamento do texto preexistente, dando valor ao novo texto, *A Abóbada* tem portanto sua gênese na *Crônica de El-Rei D. João*.

Nas falas de Mikhail Bakhtin na *Estética da Criação Verbal* (1975), assim como nossa fala é composta por enunciados, os textos literários compõem-se pelas palavras (textos) *dos outros*; as palavras (textos) *dos outros* introduzem sua própria expressividade, seu tom, no entanto, assimilando-os e reestruturando-os, originam-se outros enunciados, ou seja, novos textos. Nesse momento finalizamos nosso trabalho (texto) fazendo jus às questões levantadas aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>24</sup> HERCULANO, 1970. p. 262.

<sup>25</sup> FERREIRA, 1988. p. 38.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Rev. Trad. Marina Appenzellerl. - 2ª ed. - São Paulo Martins Fontes, 1997.

BELL, Aubrey F. G. *A Literatura Portuguesa*. História e Crítica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Prefácio In: *Lendas e Narrativas*. Alexandre Herculano. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio In Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Brasiliense, 1994.

HERCULANO, Alexandre. A Abóbada In: *Obras Completas de Alexandre Herculano. Lendas e Narrativas*. Lisboa: Bertrand, 1970.

KRISTEVA, Julia, 1941-. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. - 2. ed. São Paulo : Perspectiva, 2005.

LOPES, Fernão. *Crónica de El-Rei D. João*. Lisboa, Gradiva 1992.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.: Apesar de dependente, universal.

SARAIVA, António José Saraiva. *História da Literatura Portuguesa*. ed.16ª. Porto: Porto Editora 1996.